

Quebracorpo, proposições¹

Pedro Köberle

Quebracorpo pensa um conjunto de operações inscritas em corpos quebrados ou quebras corporizadas. Estas operações tomadas juntas acabam por criar um sistema de oposições: esticar-afrouxar, calcificar-amolecer, abaixar-erguer, espessar-diluir, estimular-entorpecer.

Os pares enumerados acima são materiais, visuais e táteis. A nudez dos trabalhos é a sua eloquência, o acirramento da carga semântica que passa entre eles. A *quebra* define a região de sentido comum a todos, o *corpo* a tomada de consistência desses sentidos numa dada situação.

Quebra de contornos e dos limites do plano – para dentro ou para fora, em direção a quem vê; dos regimes de simetria ou organização que dão a certos trabalhos seu acabamento; das expectativas de coesão e inteireza que acompanham a pintura ou a escultura; da encenação como modo de apresentação de ações; da figura corporal humana como medida e elo com o espectador. Fendas que abrem para conexões fora do volume ou da tela.

O corpo neste vocabulário é uma zona amorfa que recebe e devolve forças e pressões, não um continente carnal – cada obra corporifica-se a seu modo, reage ao esforço, toma o espaço. Um apelo à sua condição ergonômica, tátil ou postural rebate contra quem olha, sejam feitos de porcelana, luz, bronze, gesso ou óleo.

Quebracorpo significa também despir-se de repressões que vestem o esqueleto sob uma ou outra roupagem: interessa-nos uma certa nudez ou franqueza desses trabalhos. Por baixo da pele há o osso, mas sem o corpo. A matéria não está dentro da forma, nem a forma revestida de matéria. As obras estão aqui e pouco ou nada as oculta da vista.

As quebras são sintomas de muitas operações: estilhaçamento (Lucia Laguna, Iran do Espírito Santo), dissolução (Marina Rheingantz, Rivane Neuenschwander), sutura (Sergej Jensen), esgarçamento (Rodrigo Cass), inchaço (Alexandre da Cunha, Ernesto Neto), enrijecimento (Erika Verzutti, Ivens Machado), acúmulo (Anderson Borba, Nuno Ramos), pressão (Valeska Soares, Edgard de Souza), tensionamento (Jac Leirner, Mauro

¹ Este texto foi escrito na ocasião da mostra *Quebracorpo* em exibição na Carpintaria, Rio de Janeiro, de 25 de janeiro a 28 de fevereiro de 2025. Curadoria de Pedro Köberle e Rafael Baumer.

Restiffe), cisão (Alexandre Canonico, Sara Ramo) e fossilização (Eliane Duarte, João Maria Gusmão & Pedro Paiva).

Nem todas essas operações de quebra têm como resultado a fragmentação ou a subtração: muitas levam a uma impressão de crescimento, de força centrífuga. Nestes casos, não é o objeto ou a superfície que se quebram, mas o espaço circundante, a resistência oculta do ar à expansão de formas e correntezas perceptivas a partir de um foco tenso. Quebrar é então uma espécie de costura com o exterior do trabalho que negocia sua autonomia em prol de uma rede de relações com os demais.

Que a fratura seja um modo de compor, de revelar o que mantém os corpos inteiros, menos substantivados e mais verbais. É como se o ponto em que os corpos se quebram manifestasse o limiar onde corpo e mundo se encontram. Descobrimos então que não se trata exatamente de um ponto, mas de um campo, com uma textura acoplada e cruzada com os envelopes das coisas. Em uma analogia: é onde o discurso se quebra que aparece o inconsciente.